



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1307

A BIOGRAFIA IMPERIAL DE MARCO AURÉLIO SEGUNDO A NARRATIVA DA *HISTORIA AUGUSTA*

Stéfani de Almeida Onesko (PPH/LEAM-UEM)¹

Prof.^a Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini – orientadora (DHI/PPH/LEAM-UEM)²

Resumo: O presente trabalho pretende analisar a biografia do imperador romano Marco Aurélio (121-180 d.C), tendo em vista suas ações e as características de seu governo (161-181 d.C), segundo a coletânea de biografias imperiais, conhecida como *Historia Augusta* (392-423 d.C). Ao longo da narrativa analisada encontramos um conjunto de biografias que procura evidenciar as qualidades pessoais dos imperadores descrevendo as virtudes dos príncipes romanos que considerou, por assim dizer, “bons/ clementes” ou “maus/tiranos” durante o período que exerceram o *imperium*. A *Historia Augusta* constroi mediante a imagem de Marco Aurélio um estereótipo concentrando-se nas boas ações do imperador e em sua conduta em geral. Neste sentido, enfatiza suas virtudes identificando-o como um modelo de imperador. As virtudes assim definidas levam em consideração a moral estoica. O estoicismo se apoiava num rigor fundamental: era uma receita, uma fonte de utilidade prática e de progresso moral. Nas relações entre o estoicismo e *imperium*, destacamos que as qualidades descritas não tinham como objetivo enaltecerem a pessoa do *principis*, mas seus fins políticos, bem como os princípios que legitimavam e que justificavam sua presença à frente do poder imperial. Com isso buscava-se, no plano do discurso, resgatar os antigos valores que orientariam a “classe política” de Roma.

Palavras-chave: Estoicismo; Biografia Imperial; Marco Aurélio; *Historia Augusta*.

Introdução

No presente estudo, direcionaremos nosso foco à narrativa que a *História Augusta* constroi mediante a figura do imperador romano Marco Aurélio (121-180). Esta coleção de biografias imperiais³, ora tão criticada por vários especialistas por

¹ Pesquisadora do laboratório de Estudos Antigos e Medievais (LEAM) e mestranda em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

² Orientadora junto ao Programa de Pós-Graduação em História e professora de História Antiga do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

³ Tendo como data de composição o período dos imperadores Dioclesiano-Constantino (284-337 d.C) e redigida novamente na época de Teodósio o Grande (385-388 d.C). A obra pertinente retrata os imperadores romanos de Adriano à Numeriano.

conta da falta de precisão no que tange às datas de sua composição e informações sobre os autores que a escreveram, não deixa de ser uma obra importante no que tange a informações sobre os vários imperadores de Roma, a fim de entender suas particularidades e uma infinidade de aspectos que cercearam a vida de cada um deles, relativo à suas concepções políticas, sociais, religiosas e morais.

O capítulo da História Augusta que expõe a vida de Marco Aurélio, e que ora no interessa, se intitula como “Marco Antonino, el filosofo”, escrito segundo as fontes que nos sugerem, por Flávio Vopisco Siracusano. Ao se depararmos com este capítulo, conseguiremos verificar a narrativa sobre um imperador bom e clemente e perceber o estereótipo construído em torno de sua pessoa. Não é preciso ir muito adiante na leitura da obra para observar como a História Augusta formula a imagem de Marco Aurélio no sentido do bom homem ou mais importante, do bom imperador.

O trabalho procurará ressaltar, portanto, a biografia imperial de Marco Aurélio segundo a coletânea da História Augusta salientando as principais ações do imperador que o tornam através da historiografia, um homem e governante clemente, tendo em vista, a filosofia estoica adotada por este personagem histórico.

Marco Aurélio: O Imperador Estoico

No início da leitura do capítulo direcionado ao imperador romano Marco Aurélio, observamos uma narrativa voltada para exaltação do imperador. Um homem voltado à filosofia e que segundo a História Augusta, pode ser considerado o imperador que mais se destacou quanto à pureza de vida (H.A, 1989, p.107).

A árvore genealógica de Marco Aurélio aparece no início da obra, destacando as principais pessoas que fizeram parte da vida do imperador, como seu avô Anio Vero, seus tios Anio Libón e Galeria Faustina, sua mãe Domicia Calvila, entre outros, e as funções que estes ocuparam em Roma. Marco Aurélio nasceu em 121.d.C em Roma, fora educado na casa de seu avô por vários professores, muitos destes que levaram ao seu conhecimento a filosofia estoica, destacando-se entre eles o professor Junio Rústico, a quem reverenciou e seguiu. Desta maneira, Marco Aurélio se dedicou ao estudo da filosofia desde menino.

O estoicismo apresentado a Marco Aurélio, enquanto jovem, possibilitou um caminho a transcorrer mediante os princípios que a mesma defende. Alguns dos

princípios que se destacam e que indicam a ideia do bem se referem ao bom senso, à prudência, a consciência e a temperança que estão ligadas à ordem e conveniência, à justiça e equidade e a benevolência, à coragem, a firmeza e a constância, a piedade e clemência, o viver em comunidade (BRUN, 1986, p. 78-79). Em antítese às virtudes estariam os vícios, que deveriam ser evitados a todo custo. Dentre eles estão a dor, o medo, o prazer, a inveja, o ciúme, o desgosto, o despeito, a vergonha, a hesitação, a angústia, o ódio, a rivalidade, o ressentimento, entre outras, que eram consideradas doenças da alma e por si só um mau (BRUN, 1986, p. 82-83).

Diante destas características podemos entender melhor a tomada de atitudes de Marco Aurélio no seio imperial, já que para ele mais do que um modo de realizar ações em prol da política, a filosofia era uma forma de vida (ALVES, 2010, p.103).

Marco Aurélio estudou durante a juventude a oratória, a jurisprudência, gramática, entre outras artes. O imperador tentou mesmo que minimamente, oferecer aos que lhe ensinaram na juventude tais artes, alguns cargos públicos ou ajudando-os em suas necessidades, enriquecendo muitos deles. Neste sentido, observamos a estima que Marco Aurélio tinha por seus professores e o agradecimento pelo conhecimento retido (H.A, 1989, p. 110).

Em uma das passagens do livro, há um relato no qual Marco Aurélio ao ser chamado por sua mãe, Domicia Calvila, para partilhar a herança de seu pai, este por sua vez, decidiu entregar todo o patrimônio à irmã, para que esta não fosse mais pobre que seu marido (H.A, 1989, p. 112).

Marco Aurélio ao ser adotado por Antonio Pio, ao dez anos de idade depois da morte de seu pai, não sentiu prazer nem alegria mesmo sabendo que iria fazer parte de uma família real. A razão que o mesmo computava à sua tristeza e que fora respondida para os criados que lhe perguntavam o motivo, eram os males que o império trazia consigo. No entanto, ao ser adotado, respeitou sua nova família, assim como havia respeitado sua família nativa, se mostrando sempre prestativo.

Diante de seu pai adotivo, Marco Aurélio era visto como um homem honrado, comprometido, responsável, e ganhou com isso tanto prestígio, que Antonio Pio nunca agia antes de ouvir os conselhos do filho, este por sua vez, sempre esteve em estado de submissão ao seu pai. O que podemos observar neste sentido, é a

moderação que Marco Aurélio teve antes de almejar o poder. Ele, - pelos relatos da História Augusta-, era um homem que simplesmente não ansiava pelo poder à custa da morte de seu pai (H.A, 1989, p. 114-115).

Marco Aurélio viveu 23 anos ao lado de seu pai no palácio, e este último, cultivou um amor tão grande por seu filho adotivo que não teve dúvidas, no final de sua vida, ao chamar todos os amigos e prefeitos o recomendou como sucessor do trono romano. Com a morte de Antônio Pio, ao se ver obrigado a assumir o governo, não o fez com egoísmo. Pediu para que seu irmão adotivo Lucio Aurélio Vero Cômodo, coparticipasse e dividisse o poder com ele. Desde então, dois irmãos-imperadores, ao mesmo tempo, começaram a governar o estado juntos pela primeira vez na História de Roma.

No poder, Marco Aurélio se dedicou por completo ao estudo da filosofia, enquanto isso, ganhava a reverência dos cidadãos. Todavia, houve o momento em que se interrompeu esta felicidade. Ocorre uma inundação, nunca antes vista, no Tíber acarretando muitos problemas à região, e obrigando Marco Aurélio e Vero a agirem rapidamente. Neste momento, várias guerras insurgem assolando o império.

De acordo com a historiografia, Marco Aurélio pode ser considerado o último imperador do que os historiadores consideraram como a Idade de Ouro do Império Romano. O término deste período de ouro inicia-se com Marco Aurélio. Segundo Cássio Dião, com a morte do imperador observa-se “o fim de uma era de ouro e o princípio de uma época de ferro e ferrugem” (ALFOLDY, 1989, p. 172). A decomposição interna e as invasões bárbaras têm o seu início no momento em que Marco Aurélio assume o poder em Roma.

A guerra contra os partos fora direcionada por seu irmão Vero, enquanto o mesmo enfrentou outros conflitos próximos a Roma, durante a guerra contra os partos Vero acaba adoecendo. Quando este se recuperou se entregou à uma vida de prazeres, e apenas Marco Aurélio seguiu nas atividades imperiais e na luta contra os bárbaros.

Lucio Vero no poseía ni dotes de mando ni inteligencia política, y su conducta personal no se regía por el sentido del deber. Era un hombre frívolo, amante de los placeres y los lujos, un libertino un tanto irresponsable” (GUAL, 2005, pág. 16).

Durante a guerra e sua marcha, Marco Aurélio recebeu a notícia da morte de seu filho Vero César de sete de idade. Guardou luto apenas cinco dias, tendo voltado aos assuntos públicos logo em seguida.

Interessante salientar a narrativa da História Augusta quanto aos títulos de guerra que eram oferecidos prontamente à Marco Aurélio e rejeitados por este, pela própria modéstia do imperador, mas depois aceitos por educação (H.A, 1989, p.118).

A narrativa da História Augusta lembra as ações de Marco Aurélio também no campo da jurisprudência, tendo ele realizado muitas aberturas ao direito, tal qual herdamos:

[...]Protegió las causas destinadas a defender la libertad de tal modo que fue el primero que ordeno a todos los ciudadanos registrar ante los prefectos del tesoro de Saturno el nacimiento de sus hijos e imponerlos el nombre en el plazo de treinta días después de su nacimiento. [...] Apoyó todos los términos de esta ley sobre la reivindicación de la condición de hombre libre y dictaminó otras leyes sobre los banqueros y sobre las subastas públicas (H.A, 1989, p. 119).

A aplicação do estoicismo na prática do direito possibilitou a sustentabilidade das instituições, sendo essencial no processo de humanização diante dos escravos e na despatriarcalização do papel da mulher na sociedade (MATOS; NASCIMENTO, 2010, p. 6). Dentro do direito, ainda designou ao senado sua relevância perante a sociedade e respeitou esta instituição como nenhum imperador o fizera antes:

Designó al senado como juez para muchas investigaciones y, muy en especial, para aquéllas que eran de jurisdicción. Ordenó también que las investigaciones sobre la condición de los fallecidos se realizaran en el plazo de cinco días. Ningún emperador mostró mayor respeto que él hacia el senado (H.A, 1989, p. 119).

Aos senadores que não tinham uma boa condição financeira e eram honestos, Marco Aurélio retribuiu a dignidade com tributos. Além disso, fazia questão, quando podia, em estudar os casos que eram levados a juízo para então dar uma sentença justa. Orientado pela filosofia estoica, o *ius romanum* experimentou grandes evoluções nos institutos que envolvem as pessoas, a família, a propriedade, a sucessão, os testamentos, a justiça civil e a justiça criminal.

É interessante observar que os ideais levados ao campo do direito contemplavam a moral estoica de igualdade, liberdade e justiça, observando em Marco Aurélio seu comprometimento com a filosofia também neste âmbito:

[...] Tais novidades jurídicas não poderiam acontecer sem a atuação dos juristas e imperadores que, aliando sua orientação filosófica ao poder político, conseguiram humanizar os antigos – e rígidos – institutos de Direito, para aproximá-los do ideal de justiça estoico, que preza a igualdade, a liberdade e a universalidade (MATOS; NASCIMENTO, 2010, p. 2).

Marco Aurélio se preocupou muito com as contas e gastos públicos. Desta maneira, encontrou formas prudentes de gastar o dinheiro público, como a distribuição de alimentos ao povo. Em tempos de fome distribuía trigo, moderou as lutas dos gladiadores já que o custo dos combates era alto, vigiou as fronteiras de Roma, entre outras medidas (H.A, 1989, p. 121).

Segundo a História Augusta, Marco Aurélio atuou sempre com moderação, tentando direcionar os homens maus ao caminho justo, muitas vezes, oferecendo riquezas e perdoando-os por seus maus feitos, fazendo deles homens bons e dos bons, boníssimos (H.A, 1989, p.122).

Quando uma epidemia devastadora surgiu em Roma levando à morte várias pessoas, Marco Aurélio se dispôs a homenagear vários homens mortos de prestígio. Aos pobres que não tinham dinheiro para fazer o sepultamento, os fez (H.A, 1989, p.125).

A relação com o irmão Vero fora sempre muito amistosa e de amizade por parte de Marco Aurélio, o imperador sempre relevou as atitudes do irmão, que nem sempre correspondiam à seu próprio caráter.

Marco fue de una bondad tal que ocultó y excusó los vicios de Vero a pesar de que le causaban profundo malestar, le otorgó el título de divino después de su muerte, le honro con muchísimos sacrificios, y ayudó y promocionó a sus tías y a sus hermanas decretando para ellas distintos honores y asignaciones, y honró su memoria multiplicando las ceremonias religiosas (H.A, 1989, p. 126-127).

Logo após a morte de Lúcio Vero, Marco Aurélio destina a seus familiares todas as honrarias possíveis e direciona o nome César a seu filho Cômodo. A partir da morte de seu irmão, governou Roma melhor do que havia feito até então, e se mostrando cada vez mais virtuoso, já que Vero desvirtuou o próprio nome dos Antoninos pela sua postura frente ao império (H.A, 1989, p. 127-128).

Segundo a História Augusta Marco Aurélio “poseía una calma tan grande que nunca cambió su rostro ni por la tristeza ni por la alegría, ya que seguía los principios de la filosofía estoica[...]” (H.A, 1989, p. 128). Governou as províncias com prudência e bondade e conseguiu dar um desfecho a todas os conflitos em que Roma acabou se envolvendo, como a guerra contra os germanos e contra os marcomanos, e liberou da escravidão a Panônia.

As guerras deram um alto custo ao império e às finanças públicas, e como Marco Aurélio não queria cobrar nenhum imposto extraordinário das províncias, supriu a falta de dinheiro vendendo ornamentos imperiais, copas de ouro, cristal, vasos reais, vestidos de sua esposa, e inúmeras pedras preciosas que havia encontrado no tesouro privado de Adriano e depois de custear os gastos, comprou novamente todo ouro vendido, e aos que não quiseram devolver, não se incomodou (H.A, 1989, p. 128-129).

La situación económica es crítica, y Marco Aurelio se ve obligado a condonar impuestos y a vender todos los objetos de lujo de su propiedad, los tesoros del palacio imperial, en pública subasta, para hacer frente a los gastos de la campaña. Una interesante anécdota (referida por Dión Casio, LXXI3, 3) nos informa de la conciencia y el valor de Marco Aurelio en situaciones críticas. (GUAL, 2005, 17)

A morte de Marco Aurélio aos 61 anos, depois de um império de dezoito anos, deixou um grande vazio e sentimento de perda, segundo narra a História Augusta, este imperador fora:

[...] amado por todos los ciudadanos que le estimaban y le llamaban hermano, padre o hijo, según la edad de cada uno”. Y en el día de su funeral se hizo tan evidente el grandísimo amor que se le profesaba, que nadie consideró que había que llorarle, pues todos tenían la certeza de que había sido un regalo de los dioses y que por ello había vuelto junto a ellos. Finalmente, antes de sepultar cadáver, [...] ocurrió algo que no había ocurrido antes, ni ocurriría posteriormente, que el pueblo y el senado le nombraron dios propicio tras haberse reunido, no por separado, sino en un único lugar (H.A, 1989, p.129).

Na narrativa observamos o contraste que a obra destaca entre Marco Aurélio e o seu sucessor Cômodo. Enquanto o primeiro é destacado como um homem bondoso, grande de caráter, praticamente uma divindade em vida, o segundo já se posiciona como o inverso do caráter de seu pai. “Dejó un hijo llamado Cómodo: si hubiera sido realmente feliz, no hubiera dejado descendencia” (H.A, 1989, p.129-130).

A fim de separar a imagem depravada de Cômodo da de seu pai, a História Augusta procurou destacar a possibilidade deste filho não ser de Marco Aurélio, já que Faustina sua mulher, tinha casos extraconjugais com gladiadores e inclusive chegou a se apaixonar por um deles. “Esta historia se considera más verídica, sin duda, porque el hijo de un príncipe tan virtuoso observó una conducta como no la había observado ningún [...]” (H.A, 1989, p. 131).

No entanto, quando alguém repudiava sua esposa pela fama que a mesma conquistou, Marco Aurélio se mantinha sereno e não se importava com a possibilidade de adultério. A explicação para a História Augusta é muito simples, sobre este fato. “En verdad, la vida de un príncipe irreprochable, su santidad, su serenidad de alma y su piedad tienen tanto valor que el odio suscitado por un pariente suyo no es capaz de deshonorar su fama” (H.A, 1989, p. 131).

O imperador dedicou um funeral com todas as honrarias possíveis à Faustina, com o advento de sua morte, sem levar em conta nenhum dos rumores levantados contra sua mulher, sobre seus supostos adultérios. Instituiu corporações com o nome de sua esposa, converteu em templo a aldeia onde Faustina havia nascido.

Depois da morte de Marco Aurélio, se tornou praticamente um sacrilégio não ter uma estátua em homenagem a ele. Muitas pessoas diziam ter sonhos com o imperador no qual o mesmo avisava sobre acontecimentos futuros. Além disso, construíram um templo para admirar a pessoa de Marco Aurélio (H.A, 1989, p. 130).

A narrativa da obra se volta muito ao empenho que Marco Aurélio teve nas guerras em que este presenciou e participou, guerras essas necessárias, já que protegiam Roma e seus cidadãos das invasões bárbaras. Venceu várias batalhas com grande esforço, realizando a consulta com vários membros do corpo de soldados, afirmando que era justo que os conselhos fossem levados à sério pois todo corpo do estado era um só. Marco Aurélio, por mais que ouvisse conselhos de vários políticos pra que o mesmo retornasse à Roma, não abandonou nenhuma batalha, ficando até o final de todas as guerras (H.A, 1989, p. 134-135).

Marco Aurélio dividiu as riquezas com as pessoas honradas, auxiliou as cidades ameaçadas por problemas diversos e perdoou impostos de várias províncias quando a necessidade do momento exigia, além disso, proporcionou os

momentos de lazer ao povo, com os espetáculos, quando os empresários não podiam estar presentes.

De acordo com a História Augusta, o imperador costumava baixar a pena dos homens levados a júri por diversos crimes, no entanto, algumas vezes se mantinha inexorável ao saber que determinado indivíduo havia cometido um crime gravíssimo. Muitas vezes acompanhou diversos processos, revogando certas penas ao observar algum indício julgado erroneamente, além disso, também levou a justiça à vários prisioneiros de guerra. Permitiu a entrada de diversos estrangeiros no território romano, possibilitando uma abertura maior àqueles que não eram oriundos de Roma (H.A, 1989, p. 137).

Um relato muito importante, destacado pela História Augusta, fora a rebelião realizada por Avídio Casio que se nomeou imperador em possessões romanas no Oriente. Marco Aurélio marchou contra Casio, no entanto, este fora assassinado em seguida por ordens do senado, que o afamaram como inimigo público. Entretanto, Marco Aurélio não ficou feliz com a morte de Avídio Casio e proibiu a morte de qualquer outro membro que tenha participado da rebelião, se mostrando um homem generoso.

Perdonó a las ciudades que habían estado en convivencia con Casio, perdonó también a los antioquenses que habían dicho muchas cosas contra Marco y a favor de Casio, a los que anteriormente había abolido SUS espectáculos, sus asambleas públicas y todo tipo de reuniones y contra los que había enviado un edicto muy severo (H.A, 1989, p. 138).

Aos filhos de Avídio Casio fora distribuído metade do patrimônio paterno e tiveram auxílio através de doações em ouro e prata. No fim, confessou que não havia desejado a morte de Casio, pois sua intenção era governar Roma sem a necessidade de derramar sangue de nenhum senador.

Segundo a História Augusta, até o imperador Diocleciano chegou a venerar a boa fama de Marco Aurélio, e dizia desejar ter a conduta e a clemência que o príncipe teve em vida (H.A, 1989, p. 131).

No final da narrativa, a História Augusta enfatiza como foi a morte de Marco Aurélio:

[...] Cuando comenzó a sentirse enfermo llamó a su hijo y le pidió ante todo que no despreciara los últimos coletazos de la guerra, para que nadie le tomara como un traidor de la patria. [...] Después, deseando morir, se abstuvo de comer y beber, y así aumentó su mal.[...] Dicen que, dado que veía que su hijo iba a ser tal cual fue después de él murió, deseó su muerte

para que no se asemejase, como él mismo decía, a Nerón, Calígula, o Domiciano (H.A, 1989, p. 141).

O último pedido de Marco Aurélio, fora para que seu filho Cômodo não se tornasse um tirano quando este assumisse o poder em Roma, citou os vários exemplos dos imperadores tiranos do qual não deveria seguir. Imperadores estes como Nero, Calígula e Domiciano que também são narrados pela própria História Augusta como homens truculentos enquanto permaneceram frente ao império.

De acordo com Noyen (1955, p. 372-383), Marco Aurélio fora um protótipo do político ideal porque não se prendeu apenas na teoria de sua doutrina, mas levou os princípios da mesma para a prática. Alguns princípios que se baseiam no amor e no apreço pela verdade e justiça; e a concepção da liberdade do indivíduo (BIRLEY, 1999, p. 95-96).

Desta maneira, observamos como a História constroi o perfil ou a figura de Marco Aurélio. Um homem clemente, piedoso, que se dizia apaixonado pela justiça, e que parecia seguir os princípios da filosofia que o mesmo adotara para reger sua vida nos diversos aspectos que ela permite. Segundo Alves, (2010, p. 72) a História Augusta trabalha a imagem de Marco Aurélio como um modelo, considerando-o um deus, sempre parecendo certo com tudo e para com todos. “O bom príncipe na tradição historiográfica exemplifica os ideais de philanthropia, eusebeia ou megalopsychia, que são diretamente adaptáveis a Marco Aurélio porque foi o seu estoicismo que os romanizou” (2010, p.72).

Considerações Finais

A narrativa que a História Augusta realiza diante do imperador Marco Aurélio, portanto, enfatiza-se nas ações que o mesmo realizou, observando a partir delas, um modelo de imperador que sugere o governante clemente e ideal.

Sua narrativa está recheada de exemplos que demonstram boas atitudes de Marco Aurélio frente ao *imperium*, e a construção de sua memória como um governante que tanto em situações pessoais quanto políticas agiu, de maneira considerada pela historiografia pertinente, como um verdadeiro adepto da filosofia estoica e como um modelo de imperador a ser seguido e admirado pela posteridade.

Fontes Impressas

HISTORIA AUGUSTA. **Marco Antonino, el filósofo**. In: História Augusta. Madrid: Akal, 1989, p. 107-143.

Bibiografia

ALFOLDY, Géza. **A História Social de Roma**. Portugal: Presença, 1989.

ALVES, Sérgio Lourosa. **Marco Aurélio e Cómodo, a luz e a sombra: a construção historiográfica da dinastia Antonina**. Lisboa, 2010. 219 f. Tese (Mestrado em História Antiga) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

AURÉLIO, Marco. **Meditaciones**. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

BIRLEY, A.R. Marcus **Aurelius, a Biography**. Barnes & Nobles Books/Routledge, Nova York, 1999.

BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70. [1986?].

GUAL, G. **Introducción de las Meditaciones**. Madrid Editorial: Gredos, 1977.

MATOS;NASCIMENTO, Andityas S. de M. Costa; Pedro Savaget. **A inserção do estoicismo no Direito Romano Clássico: os rescritos do Imperador Marco Aurélio sobre Direito de Família e direito à liberdade**. PHRONESIS: Revista do Curso de Direito da FEAD. Nº 6 Janeiro/Dezembro de 2010.

NOYEN, P. **Marcus Aurelius, The Greatest Practician of Stoicism**. Bruxelas: Fondation Universitaire, 1955.